



INIQUIDADE DE RESULTADOS NO DESEMPENHO ESCOLAR DE CRIANÇAS NEGRAS E BRANCAS: UM ESTUDO EM ESCOLAS INTEGRANTES DO PROJETO GERES EM SALVADOR – BAHIA

Andréia Cardoso Silveira¹
Dora Leal Rosa²
Robinson Moreira Tenório³

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo discutir a iniquidade de resultados no desempenho escolar de crianças negras e brancas em escolas integrantes do Projeto Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005 – GERES, em Salvador – BA. Para isso, discorre-se sobre como as práticas de preconceito racial podem ser manifestadas no espaço escolar e apresenta-se o percurso metodológico do estudo quantitativo, como resultado, constatou-se que as crianças negras possuem desempenho escolar inferior aos das crianças brancas; todavia, ao comparar o desempenho por nível socioeconômico, observou-se que entre as crianças de nível socioeconômico baixo, o negro possui melhor aproveitamento escolar.

Palavras-chave: Iniquidade; Desempenho Escolar; Negros; Brancos.

INIQUITY OF RESULTS IN ACADEMIC DEVELOPMENT OF BLACK AND WHITE CHILDREN: A STUDY IN SCHOOLS MEMBERS OF THE PROJECT GERES IN SALVADOR – BAHIA

ABSTRACT

The present essay's objective is to discuss the iniquity in the development of black and white children in schools members of the Project Longitudinal Study of the Academic Generation 2005 – GERES, in Salvador – BA. For doing so, the practices of racial prejudice in their manifestation in the academic space are discussed and methodological route of the quantitative study is presented. As result, it was observed that black children have inferior scholar development compared to the white ones; however, when comparing the development by socioeconomic level, it was verified that between children of low socioeconomic level, the black ones have better academic performance.

Key Words: Iniquity; Academic Development; Black; White.

L'INIQUITÉ DES RÉSULTATS DANS LA PERFORMANCE ACADÉMIQUE DES ENFANTS NOIRS ET BLANCS : UNE ÉTUDE DANS LES ÉCOLES PARTICIPANTES DU PROJECT GERES EN SALVADOR DE BAHIA

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Atualmente é Coordenadora Executiva do Grupo de Avaliação da Educação (FACED/UFBA). E-mail: <andrea-car@hotmail.com>.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora Associado 4 da Universidade Federal da Bahia e Membro de corpo editorial da Revista Praxis Educacional. E-mail: <doralr@ufba.br>.

³ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (1996). Atualmente coordena o Grupo de Pesquisa em Avaliação (GA) da Faced/UFBA, é professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Gestão Social da Escola de Administração da UFBA. E-mail: <robinson.tenorio@uol.com.br>.



RÉSUMÉ

La présente étude a pour objective de discuter l'iniquité des résultats dans la performance académique des enfants noirs et blancs dans les écoles participantes du Project Études Longitudinales de la Génération Académique de 2005 – GERES, en Salvador de Bahia. Il y est discuté comment les pratiques de préjugé racial peuvent être manifestées dans l'espace académique et on y présente la méthodologie de l'étude quantitatif. Comme résultat, il a été vérifié que les enfants noirs présentent performance académique inférieure à celle des enfants blancs. Pourtant, en analysant la performance académique par rapport au niveau socio-économique, il a été vérifié que, parmi les enfants de niveau socio-économique bas, les enfants noirs présentent une meilleure performance académique.

Les Mots Clés: L'iniquité; La Performance Académique; Les Noirs; Les Blancs.

Introdução

A população negra convive com um processo histórico de exclusão nos diferentes espaços da sociedade, com destaque para o campo educacional. Sobre isso, o Relatório Anual de Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010, a partir dos dados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2008, mostra que em 1998, 28,6% dos negros e pardos, acima de 15 anos de idade, eram analfabetos, enquanto que 12,1% dos brancos se encontravam nessa mesma situação; em 2008 estes valores passaram para 13,6% e 6,2% respectivamente.

Além das desvantagens dos negros em relação aos brancos no que concernem as taxas de analfabetismo, estes ainda possuem desempenho escolar inferior aos brancos, até mesmo, quando possuem o mesmo nível socioeconômico, conforme mostra estudos como de Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay (2006), a partir de dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), inclusive, de um dos proponentes deste artigo por meio de uma pesquisa de mestrado. Os resultados deste estudo serão, posteriormente, discutidos neste ensaio.

Nesse sentido, os dados apresentados são desafiadores e, por isso, acena a necessidade de refletir sobre o que ocasionam tais disparidades. Sobre isso, vale lembrar da tradição sociológica de explicação das desigualdades raciais no Brasil, destacada por Osório (2008), que teve como eixo de discussão a questão da mobilidade social, explicitadas a partir de "três ondas teóricas", complementares, que refletem discussões que vão desde a defesa

de uma democracia racial em que os empecilhos impostos pela discriminação em função de um pertencimento étnico são menos importantes que os impactos econômicos, até a argumentação de que as ações preconceituosas se estabelecem como principal gerador das desigualdades raciais.

Conforme Osório (2008, pg. 69 - 87), na primeira onda, Gilberto Freire (1994) se constituiu numa referência importante apontando aspectos positivos da escravidão e a defesa de que o racismo não existia ou era de pouca importância, podendo ser superado com o desenvolvimento econômico em que os negros poderiam ter a oportunidade de alcançar uma mobilidade social. Para os representantes da primeira onda, uma evidência da inexistência do racismo, ou de existência insignificante, no Brasil seria a mobilidade ascendente dos mulatos. Entre as elites econômicas e políticas havia alguns mestiços em ocupações prestigiosas. Já na segunda onda teórica, ocorre uma reação à afirmação da ausência do preconceito racial. Conforme os representantes dessa onda, o preconceito racial é real, sua compreensão depende de dados históricos e de maneira específica das relações raciais que vigoraram no regime escravista. Na referida onda, há um compartilhamento da ideia defendida na onda anterior em que se destacam que nas primeiras décadas do século XX a ocorrência da transição da sociedade de castas à sociedade de classes provocou uma ampliação significativa da mobilidade social. Contudo, faz parte dessa onda o entendimento de que há divergências quanto “às origens, natureza e a forma de atuação do preconceito, e também quanto à provável dinâmica temporal (futura) da desigualdade racial”. Uma referência importante dessa onda foi Florestan Fernandes. A última onda teórica, com os representantes Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva, assinala o quesito raça como causador das desigualdades sociais, especificamente educacionais. Nessa onda defende-se que as desigualdades sociais em vez de terem sido ultrapassadas através da modernização, foram “racionalizadas”, permitindo que os brancos continuassem sendo privilegiados. Os representantes dessa onda estudaram as consequências da discriminação racial de origem social na educação, no mercado de trabalho, na localização na estratificação social, além do exercício da política (OSÓRIO, 2008, pg. 69 -87).

Nestes trabalhos, as práticas preconceituosas veladas nas diversas relações sociais adquiriram significativo espaço no âmbito das pesquisas, sendo apontada como uma das explicações para as disparidades existentes entre negros e brancos.

Reconhece-se que existem outros fatores, não menos importantes, e que devem ser considerados na explicação das desigualdades entre negros e brancos, principalmente quando o assunto é desempenho escolar. Todavia, o preconceito racial ganha maior destaque neste trabalho, sendo assinalado como uma causa associada às diferenças de desempenho escolar entre crianças negras e brancas. Tal enfoque é julgado como pertinente, uma vez que se entende que é necessário superar as discussões que apontam o atraso e exclusão do negro nas diversas esferas sociais como consequência, apenas, da sua condição econômica vulnerável, e fortalecer uma nova abordagem de debate sobre a questão racial no Brasil.

O foco na questão do preconceito racial adquiri ainda maior importância na explicação das desigualdades raciais quando recorreremos à literatura (CAVALLEIRO, 2001; GOMES, 2004; NASCIMENTO, 2001) que abalizam que grande parte das escolas brasileira são reprodutoras de práticas preconceituosas que insultam, inferiorizam e desqualificam as crianças negras atingindo sua autoestima e, conseqüentemente, seu aproveitamento ou desenvolvimento escolar. Tais práticas podem ser percebidas de diferentes formas: nas relações sociais entre os sujeitos da escola por meio de xingamentos e uso de apelidos de cunho racista; nos livros didáticos que silenciam a figura do negro e suas contribuições para o processo de formação do nosso país; nos cartazes escolares com predominância de imagens de crianças brancas, entre outros.

As escolas ao adotarem posturas dessa natureza permitem que o atual quadro de desigualdades raciais sem ampliem, que as iniquidades nos resultados no desempenho escolar de negros e brancos continuem e, por conseguinte, contribuem para que à proposta de uma educação mais equânime e, por isso, capaz de oferecer as mesmas oportunidades para seus sujeitos, inclusive de aprender, fique cada vez mais distante.

Nesse contexto, apresenta-se o presente ensaio que tem como objetivo discutir sobre a iniquidade de resultados no desempenho escolar de crianças negras e brancas em escolas integrantes do Projeto GERES em Salvador – BA. Par isso, fez-se um recorte dos

resultados da pesquisa de mestrado desenvolvida por um dos autores deste artigo, intitulado: “Raça e desempenho escolar: uma análise comparativa do desempenho de crianças negras e brancas em escolas integrantes do Projeto GERES em Salvador – BA”. Essa dissertação teve como objetivo investigar se existem diferenças de desempenho entre alunos negros e brancos de mesmo perfil socioeconômico em escolas integrantes do Projeto GERES, em Salvador, bem como se o preconceito racial se constitui numa causa associada às diferenças de desempenho.

Assim, este artigo foi estruturado em cinco partes, incluindo esta introdução. Na segunda parte, discorrem-se como as práticas de preconceito racial podem ser manifestadas no espaço escolar. Posteriormente, apresenta-se sobre o percurso metodológico da pesquisa de mestrado apresentada. Logo após, traz-se os principais resultados e discussões realizadas na referida pesquisa. E, por fim, apresentam-se as considerações finais do trabalho.

Práticas discriminativas no espaço escolar e seus efeitos sobre os resultados de desempenho escolar

Conforme Gomes (2004) presenciamos uma naturalização das desigualdades raciais, circunstância que tem cooperado para uma reação cruel, inclusive dos profissionais do espaço escolar, pois esse processo de naturalização tem tornado as desigualdades raciais imperceptíveis. E quando a escola percebe, na maioria das vezes não reagem, uma vez que está tão habituada com essa realidade que acaba naturalizando os fatos. Para o mesmo autor, “nós nos acostumamos” com a ausência dos negros nas ocupações de maior prestígio social, não vê-los ocupando espaços nos ambientes educacionais, entre outros; achamos normal que os negros se encontrem na posição mais baixa da hierarquia social ou fora do mercado de trabalho; não nos sensibilizamos em saber que dos vinte milhões de analfabetos existentes no país, a maioria é de negros; e a ver que são as crianças negras que possuem desempenho inferior, são os repetentes, entre outros. Sobre isso, mesmo quando há uma percepção da existência dessas desigualdades, elaboram-se diversas explicações para encobrir os episódios, entre elas destacam-se aquelas pautadas na concepção de que a

discriminação racial é uma questão de ordem econômica, “emocional”, dificuldade de aprendizagem, ou ainda problemas com desestruturação familiar (GOMES, 2004, pg. 84-85).

Assim, a sociedade, especificamente a escola, levanta várias respostas para as desigualdades, e acaba desconsiderando que uma das principais justificativas pode ser encontrada no seu interior, que, através de práticas pedagógicas, as vezes, discriminativas, acaba impactando a vida dos alunos afetando o desempenho escolar e o seu futuro, já que o insucesso na escola pode ocasionar a sua exclusão da sociedade na vida adulta.

As relações pautadas em preconceito podem ser observadas quando a escola prioriza e reproduz o padrão de beleza branca europeia dominante. A utilização do material pedagógico ou ainda de apoio traz lendas e contos tradicionais que silenciam a história de luta do povo negro e contribuem bem mais para o constrangimento daquelas crianças negras do que o estabelecimento de uma cultura de aceitação e respeito à heterogeneidade. Tais materiais colaboram para a edificação da existência de uma “falsa” concepção de superioridade do grupo branco (CAVALLEIRO, 2001).

Conforme Nascimento (2001, pg. 119), no ambiente escolar, os gestos, as falas e as representações também “perpetuam o legado do determinismo racial”. A escola reproduz e legitima a concepção de que a origem africana está intimamente ligada às ideias de escravidão; de trabalho braçal; *déficit* intelectual; ausência de desenvolvimento étnico; estético; cultural e moral e, além disso, destacam a carência de desenvolvimento linguístico, uma vez que as línguas africanas são vistas como “dialetos”.

Os negros são ainda vistos como a “cultura da violência, da exclusão: os meninos de ruas, os traficantes que ocupam a favela, os detentos, os meninos que assaltam os carros da classe média, quando estes param de frente ao semáforo”. São ainda os mendigos jogados nas ruas (GOMES, 2001, p. 94).

Nessa direção, segundo Cavalleiro (2001) a formação do sentimento racista pode ser efetuada de duas maneiras, a saber: através do “afastamento” – onde crianças e professores expressam comportamentos que tendem a fugir do contato corporal e dialógico com as crianças negras; e a “rejeição” que contempla todas as ações que visam a rejeição, do contato físico e ainda verbal com crianças negras. Fazem parte desse processo de rejeição, aquelas atitudes diferenciadas dos professores com seus alunos. Muitos deles

agem de maneira mais carinhosa ou afetiva com as crianças brancas, à medida que estabelecem com esses contatos físicos marcados por beijos, abraços entre outros. Acredita-se ainda que as crianças também reproduzam essas atitudes, à medida que as crianças brancas buscam se aproximar ou está mais perto das crianças que fazem parte do seu grupo social. Além da postura descrita, o referido autor destaca ainda a ausência de atitudes do professor diante das ações discriminativas, aceitando muitas vezes comportamentos irônicos, xingativos das crianças brancas para com as negras. Tal postura faz com que essas últimas se sintam desprotegidas. Permitem ainda que as primeiras continuem exercendo uma postura negativa, haja vista que a sua conduta não foi reprimida e, por último a naturalização destas ações nos interiores dos espaços escolares (CAVALLEIRO, 2001).

Em combate ao contexto descrito, presenciamos no momento atual uma grande discussão sobre as desigualdades raciais, principalmente nos espaços escolares. Nesse debate, destaca-se a necessidade de edificação de uma escola justa que reconheça a diversidade cultural e que insira em sua prática pedagógica os conhecimentos daqueles grupos ou culturas excluídas. Todavia, mesmo diante de um possível reconhecimento da necessidade de transformar a escola em ambiente que contemple todas as culturas, observa-se a dificuldade dos profissionais em executar essa proposta.

Primeiramente, os professores não estão preparados, principalmente com o trato com a cultura negra. Conforme Queiroz (2005), os docentes desconhecem as informações referentes à cultura negra no Brasil, na África e na diáspora africana. Mesmo diante da Legislação (LDB), PCNs, estatuto do magistério dentre outros ressaltarem a necessidade de implementação de uma educação menos excludente, os cursos de magistérios e licenciatura não têm capacitado seus profissionais da educação para trabalhar de maneira igualitária as contribuições históricas oferecidas pelas diversas civilizações.

Como resultado da ausência de preparação, alguns educadores não compreendem o que é trabalhar com a diversidade, pois acreditam que precisamos é “aceitar”, “tolerar” e “respeitar” o trato com a diferença, conforme é destacado por Pereira (2002, p. 2):

Alguns educadores, retoricamente, defendem a aceitação, a tolerância e o respeito no trato com a diferença. Valorizam, sob palavras vazias, a diversidade cultural como um valor pedagógico idealizado. Ora, a diferença não requer necessariamente tolerância, respeito ou aceitação, pois tal defesa deixa intactas as relações de poder que estão na base da produção discursiva da diferença. Quem aceita ou tolera, geralmente está no topo da hierarquia social e, sob a perspectiva humanista, não interroga o poder, defendendo tão somente uma generosidade utópica e uma convivência social e cultural harmoniosa. O tolerante mostra-se, muitas vezes, superior ao tolerado. O respeito fixa a dissimetria das relações de poder, que devem, ao contrário, ser postas permanentemente em questão. (PEREIRA, 2002, p.2).

Assim, a efetivação de educação para a diversidade requer muito mais que valorizar a diferença. A defesa é pela construção de uma escola que desenvolva ações questionadoras, promotoras do fortalecimento da identidade, do resgate das histórias dos sujeitos que formam o espaço educativo de maneira que esses sujeitos possam se reconhecer como portadores de direitos e possuidores de uma cultura. Essa conscientização deve estar presente em uma sociedade caracterizada concomitantemente pela pluralidade cultural e pelos resquícios do período escravista (MOURA, 1999).

Outra questão, refere-se às práticas educativas executadas sob a perspectiva de tratamento “igual para todos”. Conforme Gomes (2001, pg. 86 - 87) tal ideia pode ser um erro, pois trata-se de uma compreensão que pode direcionar as ações escolares a serem ainda mais discriminativas. “Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se, incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças”. Dessa forma, compreender que os alunos são todos iguais e, conseqüentemente, possuem igualdade de aprendizagem, entre outros, e aqueles que não se aproximarem desse “padrão uniforme” serão rotulados de “lentos”, “especiais”, a escola cometerá uma ação que reflete em “dominação”. Nesse sentido, a autora explana que precisamos desenvolver um longo trabalho para compreender que o fato de sermos “diferentes uns dos outros é o que mais nos aproxima e o que nos torna mais iguais”. O fato de a nossa sociedade ser composta por diversidades de classes, raça, etc, deve ser levada em consideração nas práticas pedagógicas, assim como nos momentos de reflexão sobre o currículo escolar, entre outros (GOMES, 2001, pg. 86 - 87).

Aportes metodológicos

A dissertação relatada neste ensaio foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com estudos quantitativos. Todavia, tendo em vista os objetivos deste texto, apenas serão apresentados os resultados da pesquisa quantitativa que buscou comparar o desempenho escolar de alunos negros e brancos com o mesmo perfil socioeconômico nas séries iniciais das escolas de Salvador – BA. Para isso, utilizou-se do banco de dados do Projeto Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005 – GERES, em Salvador – BA.

O Projeto Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005 (GERES) foi iniciado em 2004 por meio do financiamento da Fundação Ford e do Programa Núcleo de Excelência/CNPq (PRONEX) (OLIVEIRA et al., 2007). Esse projeto avaliou uma mesma amostra de alunos no que se refere à aprendizagem em Leitura e Matemática durante todo o percurso realizado nas séries iniciais do ensino fundamental (FRANCO et al., 2008). Fizeram parte desse estudo as seguintes cidades: Rio de Janeiro (RJ), Campo Grande (MS), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e Campinas (SP). Vale destacar que o Projeto GERES se constituiu na primeira avaliação longitudinal concluída com êxito no Brasil (BROOKE; BONAMINO, 2011).

A referida proposta teve como objetivo geral: “investigar quais práticas pedagógicas e condições escolares contribuem para a promoção da eficácia e da equidade escolar” e, como objetivos específicos, o levantamento das especificidades na escola que ampliam a aprendizagem dos alunos, bem como diminua os efeitos resultantes da ascendência social sobre o desempenho escolar; identificação de causas na escola que atenuem as taxas de repetências do aluno e ainda o levantamento de características escolares que enfraqueçam a “probabilidade do absentismo” (FRANCO et al., 2008, pg. 625 - 629); e, por último, o desenvolvimento de ferramentas apropriadas para *surveys* educacionais na alfabetização de crianças (OLIVEIRA, 2007).

O Projeto GERES foi desenvolvido a partir da participação de seis instituições, a saber: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Federal de Juiz de Fora

(UFJF), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (BROOKE; BONAMINO, 2011).

O citado projeto se constituiu numa pesquisa longitudinal em larga escala, que avaliou “o mesmo aluno em um período de escolaridade específico, respeitados os intervalos regulares” (OLIVEIRA et al., 2007, p. 155). Assim, foi avaliada uma mesma amostra de escolas e alunos durante quatro anos, iniciado com os alunos que ingressaram na 1ª série em 2005. Integraram o Projeto GERES escolas públicas e privadas, das cidades anteriormente citadas, que possuem as séries iniciais do Ensino Fundamental. É importante lembrar que o Projeto GERES foi organizado em 5 (cinco) ondas de medidas. A primeira onda foi aplicada em março de 2005, e objetivou medir o desempenho dos alunos que ingressaram nas escolas *lócus* da pesquisa. Tratou-se de aferir as habilidades e competências adquiridas pelas crianças ao serem introduzidas na 1ª série do Ensino Fundamental, ou série correspondente quando a escola é organizada em ciclos. A segunda onda ocorreu em novembro de 2005, e teve o intuito de examinar o desempenho dos alunos na primeira série do ensino fundamental. Posteriormente, a mesma ação foi realizada no mês de novembro de 2006, 2007 e 2008 (OLIVEIRA et al., 2007). No caso de Salvador só houve quatro ondas de avaliação.

É importante destacar que o ano de 2004 foi reservado para a sistematização e consolidação da proposta de pesquisa. No referido ano foram realizadas as pré-testagem dos instrumentos de coleta de dados (FRANCO et al., 2008).

Em Salvador, inicialmente foram selecionadas uma amostra de 61 (sessenta e um) escolas, assim distribuídas: 21 (vinte e um) escolas estaduais, 20 (vinte) escolas municipais e 20 (vinte) particulares (BROOKE; BONAMINO, 2011). Entretanto, só havia 55 escolas no banco de dados do Estudo GERES. Dessas instituições, 53 participaram das 4 (quatro) ondas de avaliação. Sobre isto, Brooke e Bonamino (2011) destacaram que o número de escolas não foram constante durante a realização da investigação, uma vez que algumas foram fechadas e outras incorporadas ao estudo.

A utilização do GERES na presente investigação foi de grande relevância, haja vista que, ao se constituir numa avaliação longitudinal, permitiu o desenvolvimento de um estudo sobre a evolução do desempenho das crianças estudadas, no caso dessa pesquisa,

crianças negras e brancas em escolas integrantes do Projeto GERES, em Salvador. A opção pela cidade de Salvador pode ser justificada pelo fato de ter se constituído numa proposta de mestrado, que, por sua vez, possui tempo limitado para execução da pesquisa e, além disso, o fato da proponente do trabalho residir na cidade de Salvador – BA.

Sobre os passos metodológicos realizados neste estudo, apresentam-se os subtópicos a seguir.

Passos metodológicos

A pesquisa quantitativa foi desenvolvida por meio de 06 (seis) passos metodológicos, a saber:

1º Passo: seleção das planilhas da base de dados do Projeto GERES

Esse primeiro momento do estudo consistiu num trabalho exploratório sobre os dados ou informações presentes no banco GERES, organizado em planilhas *SPSS for Windows V 13.0*. Tendo em vista os objetivos do estudo, selecionaram-se as seguintes planilhas: “**Proficiência - NSE**” – informações sobre o desempenho dos alunos nas quatro ondas GERES; **Questionário “Pré-teste” para alunos** – informações sobre a classificação cor/raça dos alunos; e **Questionário “Pais”** – informações sobre escolaridade, ocupação e renda dos pais dos alunos.

2º Passo – Primeira limpeza da base de dados GERES

Esse segundo momento tratou de fazer uma limpeza do banco de dados GERES eliminando os casos (alunos) com ausência de informações como Cor/raça, Proficiência e Nível Socioeconômico - NSE. De um total de 3877 *cases*/alunos distribuídos entre as 53 (cinquenta e três) escolas, com a limpeza restaram 1148 *cases*/alunos difundidos entre 51 (cinquenta e uma).

3º Passo: Desempenho escolar das crianças participantes do Projeto GERES nas quatro ondas de avaliação em Português e Matemática, observando a variável cor/raça.

Nesta fase da pesquisa, observaram-se as proficiências dos 1148 alunos (branco, pardo, indígena, amarelo, negro) em Português e Matemática nas quatro ondas GERES, observando as variáveis Cor/raça. Vale destacar que as proficiências foram trabalhadas no *SPSS for Windows V 13.0* por meio médias estatísticas.

4º Passo: Segunda limpeza da base de dados GERES - eliminação dos *cases*/alunos que não se identificaram como brancos ou negros.

Tendo como base a proposta de investigar desigualdades de desempenho entre crianças brancas e negras, nesse momento da pesquisa foram excluídos todos os alunos que não se autodeclararam como negro ou branco. Ao fazer essa limpeza restaram 639 (seiscentos e trinta e nove alunos) distribuídos entre 41 escolas.

Quadro 1 – Segunda limpeza - Número de alunos negros e brancos por rede de ensino.

Classificação cor/raça	Rede de Ensino			
	Estadual	Municipal	Privada	Total
Negros	71	32	74	466
Branco	18	96	59	173
Total	89	41	133	639

Fonte: Banco de dados do Projeto GERES.

5º Passo: Organização dos níveis socioeconômicos dos alunos em três níveis.

No Projeto GERES o nível socioeconômico (NSE) dos alunos foi estimado a partir de três constructos: Ocupação, Escolaridade e Renda dos pais. Tais constructos foram categorizados de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações de 2002 - CBO2002. Assim, atribuiu-se valores aos códigos conforme o ISEI – *International sócio-economic index*

of occupational status. Posteriormente, foram transformados os valores da CBO 2002 para a *International standard classification of occupation 1998 – ISCO 88* (SOARES; OLIVEIRA, S. D).

De posse dos números/dígitos que expressam o nível socioeconômico dos alunos, utilizando de medidas separatrizes “tecil,” organizou os níveis socioeconômicos em alto, médio e baixo NSE. Tal procedimento foi imprescindível para alocar cada aluno em um nível socioeconômico, bem como comparar o desempenho das crianças nos três níveis. Segue a seguir, quadro 2 com a identificação do nível socioeconômico dos 639 alunos.

Quadro 2 – Número de alunos negros e brancos por NSE

Classificação cor/raça	Nível Socioeconômico			
	Alto	Médio	Baixo	Total
Negros	94	19	181	466
Branco	69	50	54	173
Total	163	24	234	639

Fonte: Banco de dados do Projeto GERES

6º Passo: Desempenho escolar das crianças negras e brancas observando à variável Nível Socioeconômico.

Nesse momento da pesquisa, buscou-se verificar o desempenho das crianças negras e brancas observando à variável nível socioeconômico (alto, médio e baixo NSE).

Sobre os resultados do estudo, apresenta-se o tópico a seguir.

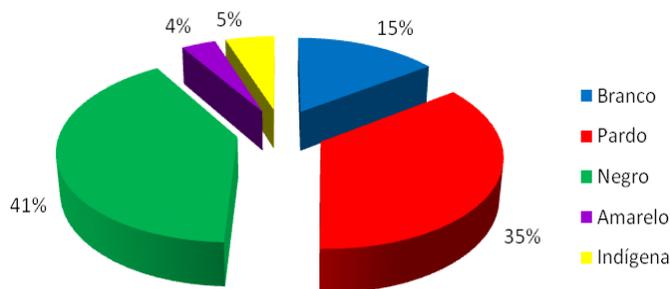
Discussões e resultados

Utilizando-se do banco GERES, apresentar-se-á, primeiramente, os resultados do desempenho dos alunos observando apenas as variáveis Cor/Raça e Proficiência e, posteriormente, os resultados com o acréscimo da variável Nível Socioeconômico. Para isso, inicialmente, apresentar-se-á o perfil dos sujeitos do estudo.

4.1 O perfil dos sujeitos que compuseram a amostra desse estudo

Conforme já destacado, após a limpeza do banco de dados e eliminação dos *cases/alunos* que não informaram a cor/raça, proficiência escolar e NSE, restaram 1.148 *cases/alunos* distribuídos entre 51 escolas. No que se refere à cor/raça, a amostra foi distribuída: 41% negros; 35% pardos; 15% brancos; 5% indígenas e 4% amarelos.

Gráfico 1 – Cor/raça do aluno.

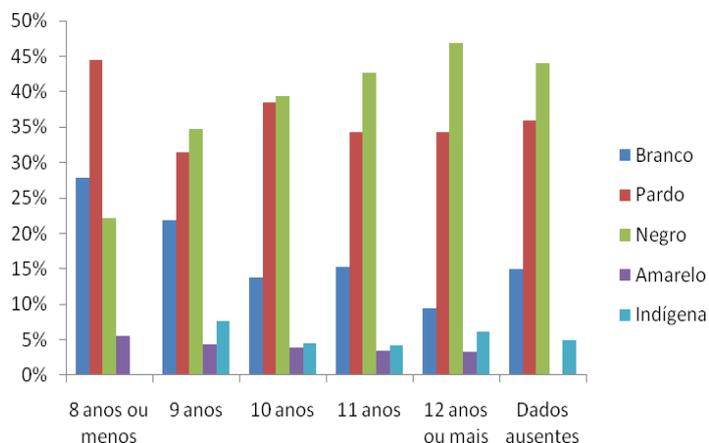


Fonte: Banco de dados do Projeto GERES.

Observa-se por meio do gráfico 1 que a maioria dos alunos se autodeclarou negros. Trata-se de um dado presumível, uma vez que Salvador é a cidade com maior número de negros no país, porém as informações surpreendem, pois estamos falando de crianças que ainda em processo de formação de identidades, ou seja, de se conhecerem enquanto sujeitos, já se identificaram como pertencente a um grupo racial que foi historicamente silenciado e marginalizado.

No que diz respeito à idade dos estudantes, um significativo número de alunos (35%) disseram que tinham 10 anos de idade, 23% com 11 anos, 19% com 12 anos ou mais, 18% com 9 anos e 2% com 8 anos ou menos. Apenas 3% dos alunos não informaram sua idade. Sobre a idade dos alunos por grupo racial, apresenta-se gráfico 2.

Gráfico 2 – Idade do aluno



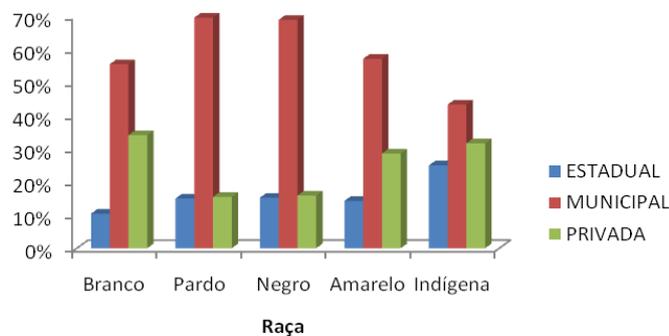
Fonte: Banco de dados do Projeto GERES

O gráfico 2 mostra que a maioria dos alunos com 11 ou 12 anos ou mais está entre os negros (47%) e pardos (34%). Sabendo que a idade adequada para estar nas séries iniciais é até 10 anos (BRASIL, 2009), pode-se afirmar que está entre esses dois grupos, principalmente entre os negros, o maior número de alunos com problemas de defasagem-idade série ou atraso educacional. Assim, os dados do gráfico corroboram com a afirmação de Barbosa (2009, p.72) de que a variável idade precisa ser considerada quando o assunto é educacional, uma vez que “não se trata de uma relação simples e direta entre idade biológica e/ou capacidade de aprendizagem. Crianças mais velhas que seus colegas apresentam, normalmente, trajetórias mais complicadas” que podem ser consequência de um ingresso tardio ou de repetência escolar.

No caso da população negra, habituada com trajetórias marcadas por práticas preconceitos que os inferiorizam, despessoalizam e atingem a sua autoestima, o atraso escolar ou a repetência se torna algo corriqueiro no interior desse segmento.

Em relação à rede de ensino a amostra foi distribuída entre 171 alunos na escola estadual, 750 na municipal e 227 na privada. Sobre a distribuição desses alunos, observando o segmento racial e a rede de ensino, notou-se que na população branca 56% dos alunos estavam na rede municipal, 34% na rede privada e 10% na rede estadual. No grupo de negros, 69% dos alunos estavam na rede municipal, 16% na privada e 15% na rede estadual. Já no grupo de pardos, 70% dos alunos estavam na rede municipal, 15% na rede privada e 15% na rede estadual. Entre os amarelos, 57% estavam na rede municipal, 29% na privada e 14% na estadual. No que tange aos indígenas, 43% estavam na rede municipal, 32% na privada e 25% na rede estadual.

Gráfico 3 – Estrato referente à última escola do aluno.



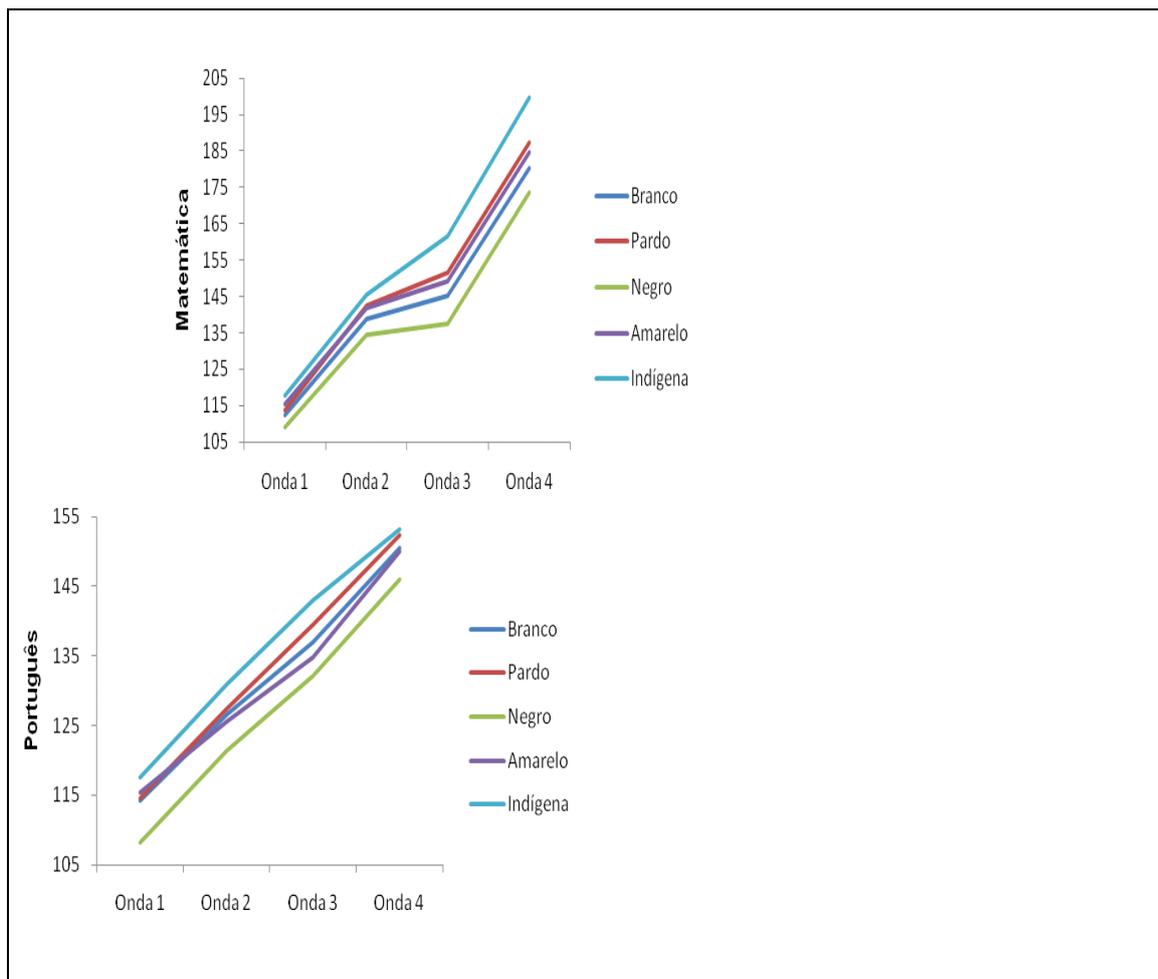
Fonte: Banco de dados do Projeto GERES.

O gráfico 3 mostra que a maioria dos alunos estão alocados na rede municipal de ensino, seguida da rede privada e estadual. Outro dado interessante, que pode ser visualizado, é que está entre os brancos (34%) e indígenas (32%) o maior número de alunos localizados na rede privada de ensino de Salvador. Já entre os pardos, negros e amarelos, o percentual é, respectivamente, 15%, 16% e 29%.

4.1.2 O desempenho escolar dos alunos

Neste subitem apresentar-se-á os resultados alcançados sobre o desempenho escolar dos alunos integrantes do Projeto GERES. Sobre isso, cumpre destacar que apesar da presente investigação ter como objetivo investigar o desempenho escolar de negros e brancos buscou-se, num primeiro momento, verificar também o rendimento escolar dos alunos pardos amarelos e indígenas. Tal procedimento foi importante, haja vista que possibilitou descrever e discutir mais densamente sobre a realidade estudada.

Gráfico 4 - Proficiência em Matemática e Português.



Fonte: Banco de dados do Projeto GERES

O gráfico 4 revela que em Matemática, as menores proficiências médias foram dos alunos negros, seguidos dos brancos, amarelos, pardos e indígenas. Observa-se também que nas duas primeiras ondas os alunos tiveram menor dispersão que nas ondas subsequentes, ou seja, nas duas primeiras ondas as médias dos alunos foram bem próximas, porém nas ondas seguintes as diferenças de desempenho se ampliaram, principalmente entre negros e indígenas. Essa ampliação das diferenças de desempenho entre os alunos pode ter relação com a ineficácia de algumas escolas em preparar seus alunos, assim como com os problemas de desigualdade de tratamento dos estudantes no interior dessas instituições.

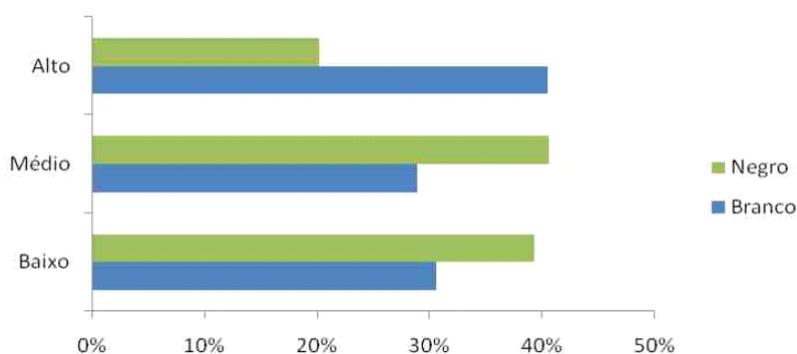
No que se refere à proficiência em Português, os negros também tiveram proficiência média inferior, seguidos dos amarelos, brancos, pardos e indígenas. Nota-se que ocorreu uma dispersão em todas as ondas, porém com maior intensidade na terceira onda, uma vez que as médias dos grupos se espalharam com maior nitidez. Outro aspecto a ser destacado é o crescimento das médias dos alunos nas quatro ondas tanto em Português quanto em Matemática. Nessa última o crescimento de ambos os grupos de cores foram expressivos.

Nessa direção, vale também enfatizar que os dados apresentados, além de confirmar a existência de disparidades de desempenho escolar entre negros e brancos, apontam ainda disparidades entre as crianças negras e os outros grupos que compôs a amostra desse estudo, a saber: indígenas, amarelos e pardos. Tal resultado apóia os estudos que alertam que a discriminação racial imersa nos espaços escolares e manifestada nos materiais didáticos, assim como nos gestos e falas dos sujeitos da escola, interfere negativamente no desempenho escolar dos alunos negros.

Diante da confirmação da existência de desigualdade de desempenho entre negros e brancos, fez-se necessário saber se essas disparidades permanecem quando se compara alunos brancos e negros de mesmo perfil NSE. Para isso, foi feita uma nova limpeza do banco do Projeto GERES eliminando os alunos que não se identificaram como negros ou brancos. Após esse procedimento, a população de 1148 *cases/alunos* foi reduzida para 639 *cases/alunos* distribuídos em 41 escolas. Desses estudantes 173 são brancos e 466 são negros.

Posteriormente, de posse dos números/dígitos que representam o nível socioeconômico dos alunos, utilizando de medidas separatrizes “tecil” organizou os níveis socioeconômicos em alto, médio e baixo NSE. Entre os 639 alunos, 37% se encontram no NSE baixo, 38% no NSE médio e 25% no NSE alto.

Gráfico 5 - Nível socioeconômico - NSE dos alunos

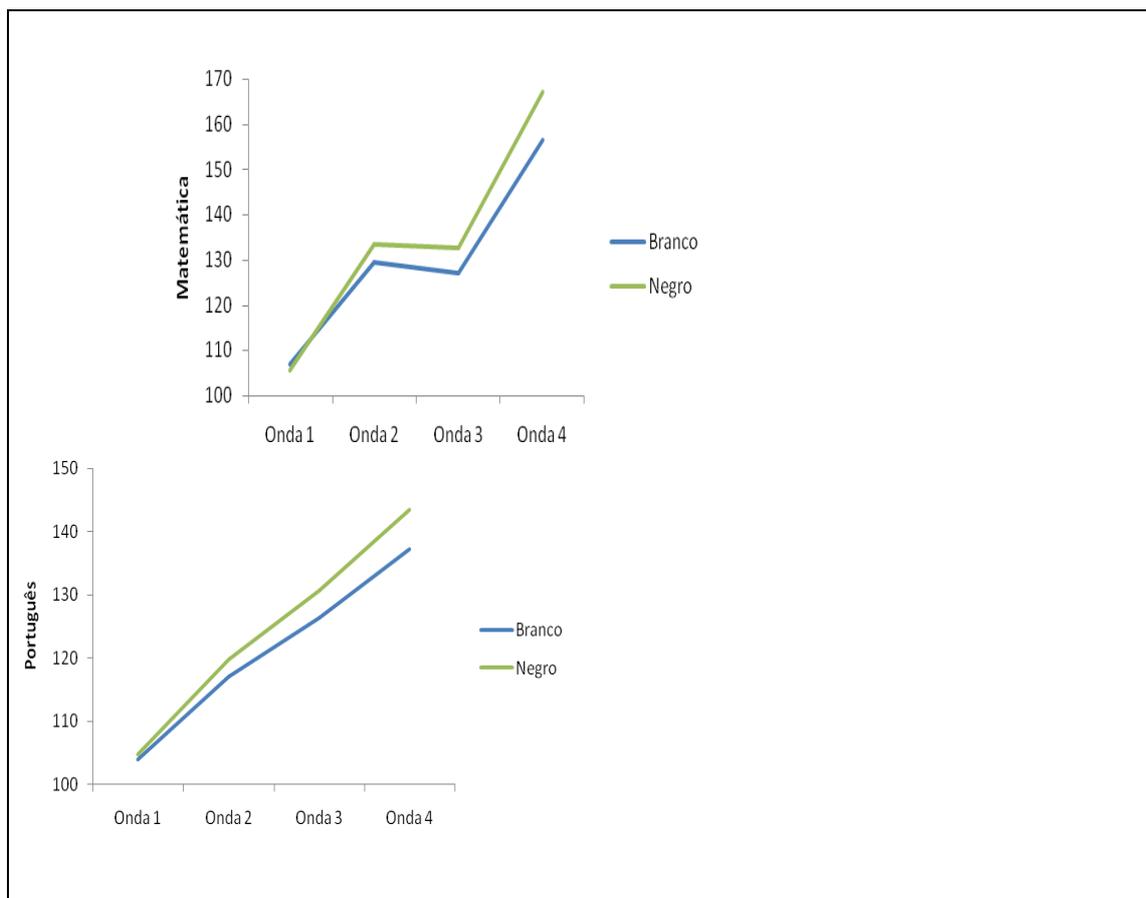


Fonte: Banco de dados do Projeto GERES

O gráfico 5 permite perceber que nos três níveis socioeconômicos (baixo, médio e alto) a maioria dos alunos é negros. Observa-se também que entre os alunos brancos, 40% possuem NSE alto, enquanto que entre os negros apenas 20% encontram-se na mesma condição do primeiro. No NSE médio encontram-se 29% de alunos brancos e 41% de negros. Já no NSE baixo, 31% são brancos e 39% negros. Assim, pode-se afirmar que a maioria dos alunos negros possui NSE médio, e os brancos NSE alto.

Sobre o desempenho escolar de negros e brancos com NSE baixo apresenta-se o gráfico 6.

Gráfico 6 – Proficiência em Matemática e Português dos alunos com NSE baixo



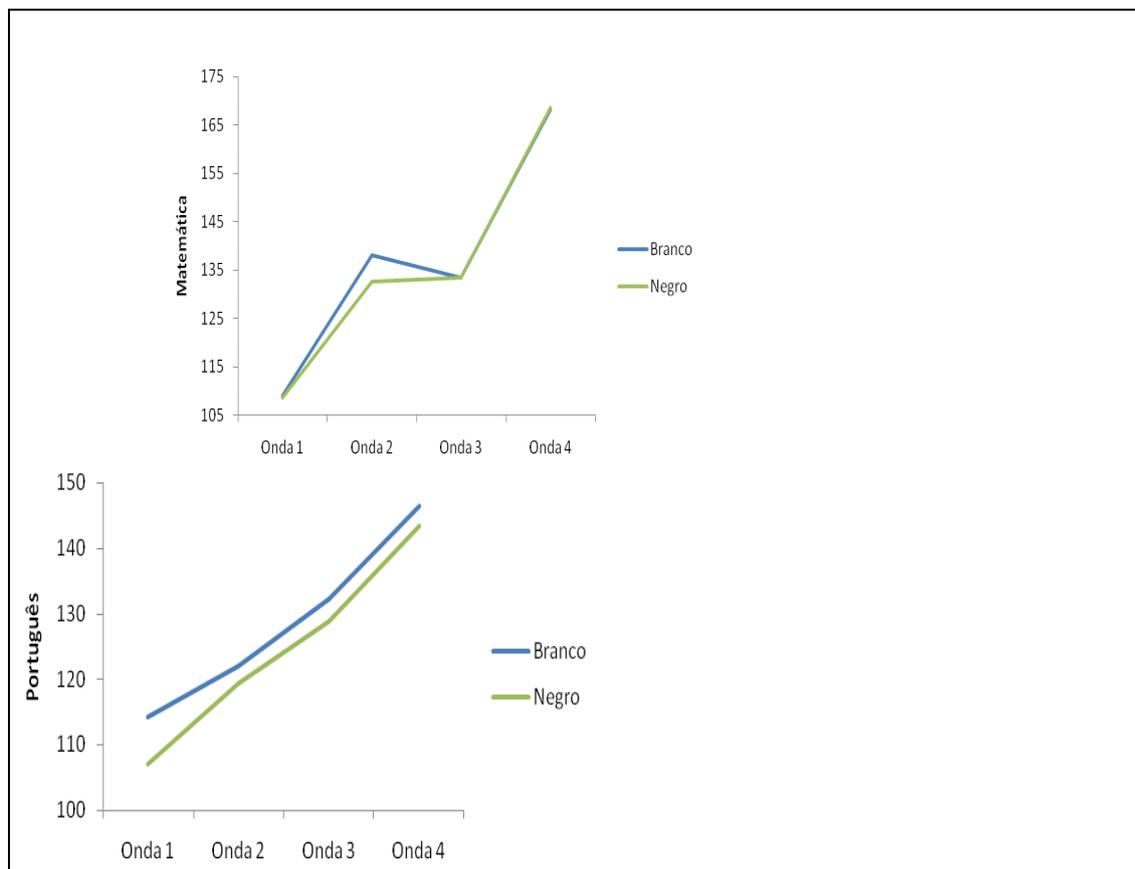
Fonte: Banco de dados do Projeto GERES

Tendo como base o gráfico 6, observa-se que os negros obtiveram uma proficiência média maior do que a dos alunos brancos tanto em Português quanto em Matemática, com exceção da primeira onda do teste de Matemática em que os brancos conseguiram uma proficiência média maior do que a dos negros. Outro aspecto a ser destacado é que esses dois grupos apresentaram médias bem próximas na primeira onda, porém nas ondas subsequentes as diferenças de proficiência foram-se expandindo, inclusive na quarta onda.

O desempenho inferior dos brancos em relação aos negros é um resultado que surpreende, uma vez que contraria estudos que afirmam o desempenho superior dos brancos em todos os níveis socioeconômicos como revela também o trabalho de Castro e Abramovay (2006), a partir de dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Dessa maneira, as informações coletadas não permitem explicar esse resultado e, por isso, destaca-se a necessidade de outras investigações que possam compreender esse fenômeno.

Sobre o desempenho escolar dos alunos com NSE médio apresenta-se o gráfico 7.

Gráfico 7 – Proficiência em Matemática e Português dos alunos com NSE médio.



Fonte: Banco de dados do Projeto GERES.

Ao contrário do resultado revelado no gráfico 6, observa-se que, entre os alunos negros e brancos de NSE médio, os primeiros tiveram uma proficiência média menor dos que os dos segundos em Português e Matemática. No teste de Português, observa-se que as diferenças de proficiência foram maiores na primeira onda, sendo reduzidas nas seguintes. O oposto ocorreu em Matemática, pois na primeira onda a média de negros e brancos foram semelhantes, sendo posteriormente diferenciada na segunda onda e novamente igualada na terceira e quarta ondas.

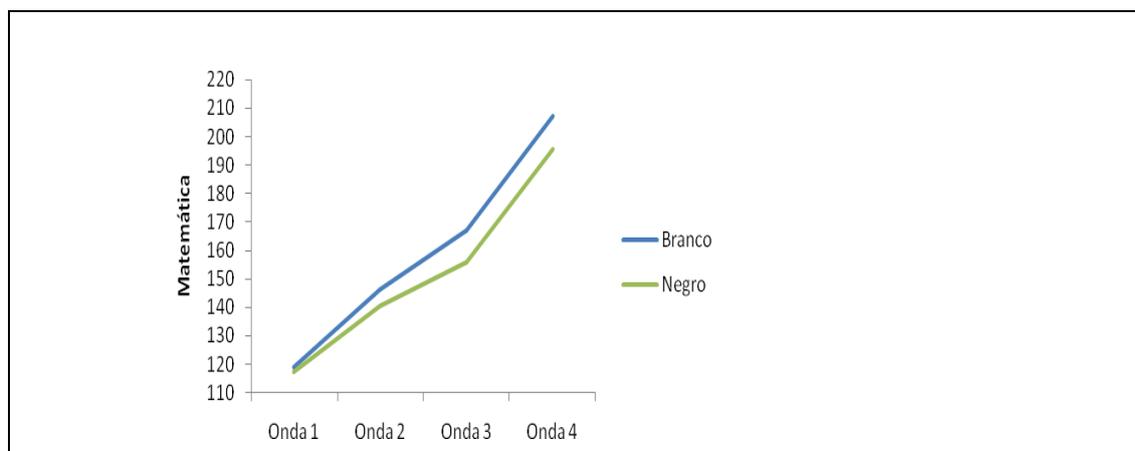
Assim, os dados revelados no gráfico permitem fazer as seguintes afirmações: existem iniquidade de resultados no desempenho de negros e brancos de NSE médio, sendo

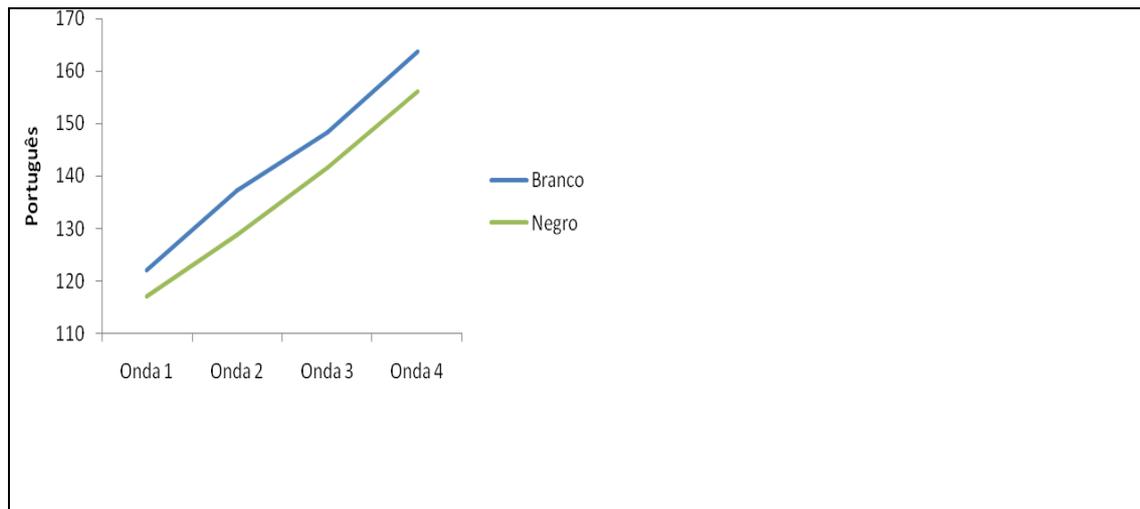
que os negros possuem menor aproveitamento escolar; tantos os alunos negros quanto os brancos tiveram aumento nos resultados de desempenho escolar entre as ondas e, por último, destaca-se um nivelamento das proficiências médias de negros e brancos, inclusive, entre a terceira e quarta ondas. Tais afirmações são positivas, porém não eliminam o problema da existência de iniquidade de resultados no desempenho escolar entre negros e brancos de NSE médio. Tal resultado corrobora a afirmação de estudiosos como Castro e Abramovay (2006) de que a condição econômica não pode ser apresentada como único fator para o insucesso escolar do negro.

Nesse contexto, destaca-se que o desempenho escolar inferior do negro pode ser consequência de práticas preconceituosas, no interior das instituições de ensino. De maneira complementar, Castro e Abramovay (2006, p.141) afirmam que a escola brasileira, além de oferecer aos alunos negros valores (eurocêntricos) que são diferentes dos seus, enseja diversas manifestações de preconceito racial no cotidiano escolar para com esse grupo. A verificação dessas duas ocorrências fortalece a proposição de que a “discriminação racial que sofrem os alunos é a causa da existência de um efeito negativo do pertencimento às categorias preto e pardo sobre o desempenho escolar”.

No que se trata ao desempenho escolar dos alunos com NSE alto apresenta-se o gráfico 8.

Gráfico 8 – Proficiência em Matemática e Português dos alunos com NSE alto.





Fonte: Banco de dados do Projeto GERES.

Conforme o gráfico 8, a proficiência média dos negros em Português e Matemática nas quatro ondas foram inferiores aos dos alunos brancos. Em Matemática, na primeira onda, as proficiências médias desses alunos foram bem próximas, porém nas ondas seguintes ampliam-se as médias dos brancos sobre os negros. Em Português ocorreu situação similar.

Resultado semelhante foi encontrado por Soares e Alves (2003) em um estudo a partir do SAEB (2001). Esses autores, ao observar resultados de testes de Língua Portuguesa e Matemática de alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, notaram que as crianças negras tiveram um desempenho inferior ao das crianças brancas (em torno de 28 pontos a menos), e que essas desigualdades foram sendo ampliadas nas posições sociais mais privilegiadas ou entre aqueles com maior nível socioeconômico. Os citados autores reconheceram o resultado positivo do nível socioeconômico dos alunos sobre o desempenho escolar, uma vez que a posse de capital econômico permite que os alunos, independente da raça/cor, melhorem suas proficiências. Todavia, também notaram que a detenção desse capital tem efeito negativo, pois amplia as diferenças entre as proficiências de negros e brancos. Assim, o fato do negro ascender socialmente não significa que terá melhor desempenho escolar.

Ainda, conforme Soares e Alves (2003, p.160), além dos brancos se beneficiarem mais que os negros de uma posição social de prestígio, também tem maiores vantagens

quando estão inseridos em escolas com condições positivas. Querendo explicar esse resultado, os autores levantam duas hipóteses. A primeira é que no interior das escolas existem práticas que não permitem aos negros desfrutar dos recursos oferecidos pela na mesma proporção que os brancos. A segunda, é que “as melhorias se potencializam: pequenas diferenças pessoais, quando inseridas em contextos mais favoráveis (escolas com melhor infraestrutura, melhores professores, colegas com atraso escolar menor), iniciam uma espiral de melhorias dos resultados”. Os alunos que não possuem essas vantagens iniciais tendem a aproveitar menos dos recursos presentes no seu entorno.

Entre as duas hipóteses, a primeira merece maior destaque, uma vez que ajuda compreender os resultados revelados no gráfico 8. Nesse, observou-se alunos com NSE alto e que, por isso, são provavelmente alunos da rede privada de ensino, que na maioria das vezes apresentam melhores condições físicas, materiais, entre outros, do que as escolas públicas. Porém, mesmo diante disso, notaram-se desigualdades de proficiências entre negros e brancos, sendo essas disparidades acentuadas a partir da segunda onda, ou seja, após a atuação da escola sobre o aluno. Tal realidade indica a existência de atitudes escolares, entre elas práticas discriminativas, que tem impedido os negros de se apropriar dos benefícios oferecidos pela escola na mesma dimensão que os brancos.

Os dados do gráfico 6, assim como outros dados apresentados, revelam resultados que não puderam ser explicados. Entre as razões destacam-se as limitações das informações coletadas, assim como a escassez de estudos, principalmente empíricas, sobre desempenho escolar que relacionem as variáveis raça e proficiência escolar.

Em síntese, os dados aqui apresentados revelaram iniquidade de resultado no desempenho escolar de crianças negras e brancas e que as primeiras têm proficiência média menor que todos os grupos raciais observados (índios, amarelos, pardos e brancos). Ao compará-los apenas com os alunos brancos, resultado similar foi alcançado, porém com algumas exceções. No caso de alunos negros e brancos com NSE baixo, o aproveitamento escolar dos negros é maior que o dos brancos. No NSE médio ocorre uma inversão dos resultados, pois os brancos superam, ainda que com uma diferença não tanto significativa, as médias apresentadas pelos estudantes negros. Entre os alunos de NSE alto, as diferenças

de proficiência média se ampliam e apontam, novamente, o melhor aproveitamento escolar das crianças brancas.

Considerações finais

Atualmente, observa-se que as desigualdades raciais têm adquirido um importante espaço na agenda de debates no campo educacional brasileiro. Tal avanço tornou-se possível à medida que diversos estudos evidenciaram a existência de disparidades entre negros e brancos, tanto no acesso quanto no aproveitamento escolar. Comparando esses dois grupos, observa-se que os últimos possuem menores anos de escolaridades; são os que apresentam maiores taxas de evasão, repetência, problemas com defasagem idade série e, principalmente, são os que possuem menor aproveitamento escolar.

Por um longo período a principal explicação para as diferenças entre negros e brancos era fundamentada na ideia de condição econômica, ou seja, o problema do segmento negro estava no acesso aos bens econômicos e materiais que o permitisse competir no mesmo nível de igualdade com os brancos. Essa forma de pensamento passou a ser superada a partir dos anos de 1980 através dos estudos de Carlos Hansenbalg, Nelson do Valle Silva (1990), entre outros, que apontaram o quesito raça, mas diretamente o preconceito racial como causador das desigualdades existentes entre negros e brancos. A partir desses trabalhos, o efeito do pertencimento racial adquiriu maior importância no âmbito das pesquisas educacionais (CASTRO; ABRAMOVAY, 2006). Corroborar essa afirmação o surgimento de alguns estudos sobre desempenho escolar que passaram a analisar o efeito da raça sobre o desempenho escolar, como é o caso do SAEB, que, a partir de 1995, inseriu a categoria raça nos questionários contextuais. A partir do SAEB, foi possível comprovar desigualdades de desempenho entre crianças negras de mesmo nível socioeconômico nas séries iniciais do ensino fundamental e, conseqüentemente, reafirmar os achados de que a condição econômica não pode ser apresentada como único fator para as desigualdades raciais (CASTRO; ABRAMOVAY, 2006).

Como já destacado anteriormente, grande parte das escolas brasileiras são reprodutoras de desigualdade raciais, à medida que tratam seus alunos negros de maneira

diferenciada dos outros grupos sócio-culturais. Nessas instituições, as crianças negras convivem diariamente com práticas de preconceito manifestadas nos livros didáticos que silenciam a cultura negra, nos xingamentos e apelidos de cunho racista, nos cartazes com predominância de imagem de crianças brancas, entre outros. Tais atitudes insultam, inferiorizam e desqualificam estes indivíduos enquanto sujeitos, não os permitem que tenham as mesmas oportunidades que as outras crianças têm de aprender e, por isso, contribuem para que se mantenham as iniquidades nos resultados de desempenho escolar nesses espaços.

Nessa perspectiva, ampliar as discussões em torno das manifestações de preconceito, enquanto causa associada às desigualdades de desempenho entre negros e brancos, se coloca como imprescindível no momento atual, uma vez que poderá contribuir para a construção de uma nova abordagem de discussões em torno das desigualdades raciais no Brasil e, por conseguinte, subsidiar as reflexões em torno das ações necessárias para a edificação de uma educação brasileira mais equânime.

Referências

BARBOSA, M. L. O. **Desigualdade e Desempenho**: uma introdução a sociologia da escola brasileira. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009. p. 272.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implementação**. 2ª ed. Brasília. set. 2009. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/.../passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2012.

BROOKE, N. BONAMINO, A (Orgs.). **GERES 2005: razões e resultados de uma pesquisa longitudinal sobre eficácia escolar**. Rio de Janeiro: Walprint, 2011.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Relações raciais na escola**: reproduções de desigualdades em nome da igualdade. Brasília: UNESCO, INEP, 2006. Disponível em: <<http://www.unesdoc.unesco.org/images/0014/001459/145993por.pdf>> . Acesso em: 15 out 2010.

CAVALLEIRO, E. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um Mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa educação. São Paulo: Selo Negro, 2001. p.141-160.

FRANCO, C.; BROOKE, N.; ALVES, F. Estudo longitudinal sobre qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro: GERES 2005. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 625-638, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n61/v16n61a08.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2011.

FREIRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio Janeiro: Record, 1994.

GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia, e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa educação. São Paulo: Selo Negro, 2001. p.83-96.

GOMES, N. L. Práticas pedagógicas e questão racial: o tratamento é igual para todos/as? In: DINIZ, M.; VASCONCELOS, R. N. (org.) **Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores**: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004. p. 80-107.

HASENBALG, C. A. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 18, p. 63-72, 1990.

MOURA, G. Os quilombos contemporâneos e a educação. **Revista Humanidades - Consciência Negra**. Ed UnB. , nº 47, dezembro de 1999, p. 99-116.

NASCIMENTO, E. L. Sankofa: Educação e identidade afrodescendente. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa educação. São Paulo: Selo Negro, 2001, p.115-140.

OLIVEIRA, L. H. G. As habilidades em leitura desenvolvidas pelos alunos das escolas municipais do Rio de Janeiro: um estudo a partir dos dados da pesquisa GERES-2005. **REICE – Revista Eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio em Educación**, 2007, ano/vol.5, número 2e. Madrid, España, p. 183-198. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/551/55150213.pdf>>. Acesso em: 12 jun. de 2011.

OLIVEIRA, L. K. M; FRANCO, C.; SOARES, T. M. Projeto GERES/2005: Novos indicadores para construção e interpretação da escala de proficiência – **REICE – Revista Eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio em Educación**, 2007, vol. 5, no. 2e, p. 154-182. Disponível em: <<http://www.rinace.net/arts/vol5num2e/art11.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2011.

OSORIO, G. R. Desigualdade racial e mobilidade social no Brasil: um balanço das teorias. In: THEODORO, M. (org.) **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil**: 120 anos após abolição. Brasília: IPEA, 2008, p.69-99.

OSÓRIO, R. G. **A desigualdade de renda no Brasil: 1976 – 2006**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

PAIXÃO, M. et al. **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil (2009-2010)** Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2011. Disponível em: <http://www.redesaude.org.br/portal/comunica/201112/includes_publicacoes/01_Relatorio_2009-2010_desigualdades%20raciais.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2012.

PEREIRA, M. R. A boina alienígena: notas sobre a identidade e a diversidade cultural. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano II. n. 14, jul. 2002. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/014/14cpereira.htm>>. Acessado em: 15 jun. 2008.

QUEIROZ, M. R. F, Inclusão da historia e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas de Salvador: relato de uma experiência. In: LIMA, M. N. M de (org.) e revisão linguística. **Escola plural: a diversidade está na sala: formação de professoras em história e cultura afro-brasileira e africana**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF; Salvador, BA: CEAFFRO, 2005. p.77-91.

SOARES, J. F.; ALVES, M. T. G. Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v.29, n. 1, p. 147-165, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a11v29n1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

SOARES, J. F; OLIVEIRA, F. O Calculo de nível socioeconômico (NSE) dos alunos do Projeto GERES. **GERES: estudo longitudinal da geração escolar 2005 – base de dados 2005 – 2008**. 1 CD-ROM.

RECEBIDO EM 25 DE JUNHO DE 2013.

APROVADO EM 01 DE SETEMBRO DE 2013.